

DUAS DE LETRA
GRUPO DE LEITORES DA BIBLIOTECA
FACULDADE DE PSICOLOGIA | INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Abril 2021

GUIA DE LEITURA

A vegetariana – Han Kang



HAN KANG

Biografia: Han Kang nasceu na Coreia do Sul. Estudou Literatura Coreana na Universidade de Yonsei e ensina atualmente Escrita Criativa no Instituto de Artes de Seul. Os seus textos receberam vários prémios literários. *A Vegetariana*, o seu primeiro romance a ser publicado em Portugal, foi o grande vencedor do Man Booker International Prize em 2016, entre autores conceituados como Elena Ferrante e Ohran Pamuk, tornando-se um best-seller internacional, aplaudido em todos os países onde está traduzido. Escreveu depois *Atos Humanos*, que vendeu milhares de exemplares só no país natal da autora, e *O Livro Branco*.



Sinopse de *A vegetariana*:

Uma combinação fascinante de beleza e horror. Ela era absolutamente normal. Não era bonita, mas também não era feia. Fazia as coisas sem entusiasmo de maior, mas também nunca reclamava. Deixava o marido viver a sua vida sem sobressaltos, como ele sempre gostara. Até ao dia em que teve um sonho terrível e decidiu tornar-se vegetariana. E esse seu ato de renúncia à carne - que, a princípio, ninguém aceitou ou compreendeu - acabou por desencadear reações extremadas da parte da sua família. Tão extremadas que mudaram radicalmente a vida a vários dos seus membros - o marido, o cunhado, a irmã e, claro, ela própria, que acabou internada numa instituição para doentes mentais. A violência do sonho aliada à violência do real só tornou as coisas piores; e então, além de querer ser vegetariana, ela quis ser puramente vegetal e transformar-se numa árvore. Talvez uma árvore sofra menos do que um ser humano. Este é um livro admirável sobre sexo e violência - erótico, comovente, incrivelmente corajoso e provocador, original e poético. Segundo Ian McEwan, «um livro sobre loucura e sexo, que merece todo o sucesso que alcançou». Na Coreia do Sul, depois do anúncio do Man Booker International Prize, *A Vegetariana* vendeu mais de 600 000 exemplares. Aplaudido em todos os países onde está traduzido, é um best-seller internacional.

Han Kang. "Ainda tenho pesadelos. Escrever este livro transformou-me"

A vida de Han Kang mudou quando, em 2016, venceu o Man Booker International com o livro "A Vegetariana". A sul-coreana passou por Portugal para lançar "Atos Humanos", sobre um massacre na Coreia.

Sara Otto Coelho | **Observador**

08 set 2017, 14:59 2



"A tensão está lá, está a aumentar, mas temos de continuar", diz a sul-coreana, sobre a ameaça nuclear da Coreia do Norte.

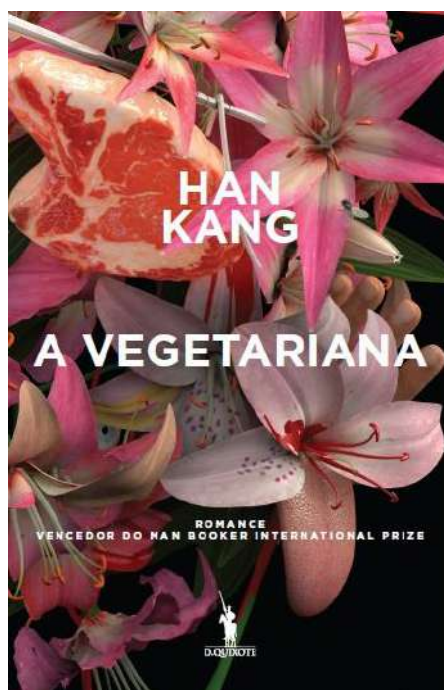
Rui Oliveira / Global Imagens

É final de tarde no Porto e Han Kang está a sofrer com o *jet lag*. “Em Seul são três da manhã”, diz, simpaticamente, para justificar os olhos a quererem fechar-se e as quantidades de chá que beberica, na esperança de despertar. No domingo partiu da Coreia do Sul para participar na Feira do Livro do Porto. Agora está na Islândia, para ser destaque num festival literário.

O corrupio começou desde que a sul-coreana venceu o Man Booker International 2016, com o romance *A Vegetariana*. Publicado a Oriente em 2007, foi só quando uma tradutora inglesa resolveu sugerir o livro a um editor inglês e traduzi-lo que a história, sobre uma mulher banal que um dia causa alvoroço na família ao decidir tornar-se vegetariana, pôde chegar a um público mais alargado. E ao júri do Man Booker, que acabou por premiá-lo.

Até há uns dias, a ideia era centrar a entrevista no romance cujo sucesso, como admitiu na conversa que manteve com José Mário Silva na Feira do Livro do Porto, a surpreendeu. Há 10 anos, a crítica especializada sul-coreana elogiou A

Vegetariana, mas a grande generalidade dos seus compatriotas não gostou do que leu, disse. E não, ela não é vegetariana. “Fazem-me sempre essa pergunta. Já fui, mas sentia-me fraca. Agora, quando me sinto fraca, tenho de comer carne”, respondeu a um membro do público.



han kang, a vegetariana

A entrevista, feita pelo Observador no Porto, passou a ter outro propósito a partir do momento em que, no dia 1 de setembro, chegou às livrarias *Atos Humanos*, sexto romance de Han Kang e o segundo a ser publicado em Portugal, ambos pela D. Quixote. A história recupera o massacre de 18 de maio de 1980 na região de Gwangju, na Coreia do Sul. Nesse dia, estudantes de norte a sul do país revoltaram-se contra o fecho de universidades e a falta de liberdade de expressão, mesmo sob regime ditatorial.

No entanto, na cidade de Gwangju, onde Han Kang nasceu em 1970, a resposta do exército foi tão violenta que a população acabou por se juntar ao protesto dos estudantes, formando uma comuna. Chun Dohwan, o ditador que subiu ao poder após o assassinato do também ditador Park Chung-hee, deu ordem para que a resposta fosse brutal. Foi um dos piores massacres na história do país, onde soldados dispararam contra crianças e jovens desarmados, e onde os milhares de mortos e desaparecidos ainda estão por contabilizar.

Kang (Han é o nome de família e Kang o nome próprio) e a família deixaram Gwangju quatro meses antes dos massacres. O pai queria apostar na carreira de escritor e, por isso, mudaram-se para Seul. “Nenhum membro da família morreu. Mas a mulher de um ex-namorado da minha tia foi morta. Lembro-me de imaginar como teria sido se a minha tia se tivesse casado com ele, se ela fosse a mulher. E senti uma grande ligação”, recorda ao Observador.

Apesar de ter apenas nove anos quando os massacres aconteceram, a escritora tem memórias fortes sobre esse período. Nessa altura, os familiares sussurravam em casa para discutir o caso sem que as crianças ouvissem. “Estavam todos muito preocupados porque os meus avós maternos moravam lá. A minha mãe tentava ligar mas as linhas estavam cortadas.” As notícias chegavam à pequena Kang através dos jornais ou da TV, embora distorcidas, como é típico numa ditadura. Dado o contexto familiar, ela sabia que as notícias não eram a verdade. Mas não podia falar com ninguém sobre isso, nem na rua, nem na escola, onde havia professores a dizer que a culpa era dos manifestantes. “Era perigoso discutir a verdade em público.”



Kang e a família deixaram Gwangju quatro meses antes do massacre. Mas os avós ficaram. © Rui Oliveira / Global Imagens

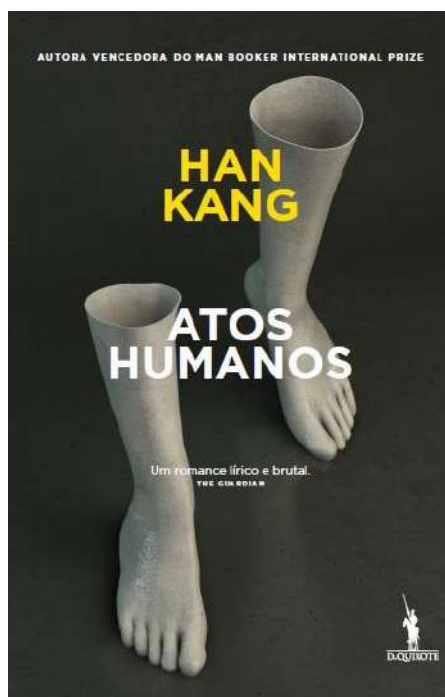
Mas houve um episódio que ela ouviu às escondidas e que foi central para a história de *Atos Humanos*. A família que comprou o *hanok* dos Han — casa tradicional sul-coreana — em Gwangju perdeu um filho no massacre. Chamava-se Dong-ho e é a personagem central de todo o livro. “Quis focar-me na dignidade daquelas pessoas que, mesmo correndo risco de vida e de sofrerem atrocidades, lutaram. Então pensei neste rapaz, Dong-ho. Ele queria fazer alguma coisa, mesmo tão novo e inocente, e tomou uma decisão trágica, que foi a de ficar na Câmara Provincial na última noite. Quando eu era pequena, era muito difícil para mim perceber porque é que algumas pessoas decidiram ficar lá, sabendo que o Exército chegaria a qualquer momento e que os poderia matar.”

É Dong-ho, um rapaz que não resistiu a seguir o melhor amigo até à manifestação, quem narra o primeiro dos seis capítulos do livro — todos têm narrador diferente. As descrições de Kang dos corpos a apodrecerem, a incharem e a serem comidos por larvas não estão ali para chocar, mas para descrever uma realidade que foi dura. Nos capítulos que se seguem, o tempo vai passando para lá daqueles dias do

massacre. 1985. 1990. Já não há massacre mas há memórias da tragédia e feridas por curar. Coisa difícil de se fazer quando a ditadura ainda era uma realidade.

O realismo e o ambiente gótico do segundo capítulo são especialmente tocantes. Nele, Kang deu voz a Jeong-dae, o melhor amigo de quem Dong-ho se perdeu e que acaba morto. É através dele que o leitor chega até onde normalmente não se vai. À pilha de corpos, à indignidade com que são tratados pelo regime mesmo quando já não respiram. O que pensou e o que sentiu uma vítima imediatamente antes de morrer. Jeong-dae descreve os seus últimos momentos em vida e os primeiros na morte, enquanto o seu espírito tenta perceber o que está a acontecer. As descrições são fortes. E o que podia resvalar para a vulgaridade ou o esoterismo é, na verdade, uma das mais bem conseguidas narrações de *Atos Humanos*.

“Desde o início que queria fazer isso. Ainda hoje há desaparecidos que não estão contabilizados no número total de mortos. Quando visitas o cemitério em Gwangju, há campas vazias, porque eles ainda não foram encontrados. Neste capítulo quis dar-lhes voz. Imaginei um conjunto de almas vulneráveis”, explica a vencedora do Man Booker International. Essas almas fazem o mesmo que os vivos: buscam os seus amigos e parentes na confusão.



“Atos Humanos” tem 232 páginas e custa 14,90€.

O que mais a marcou foi ter encontrado, com 11 anos, um livro de fotografias com o retrato de uma rapariga com o rosto mutilado, cortado por uma baioneta. “Houve algo dentro de mim, lá muito no fundo, que se partiu”, recorda no épílogo do livro. Mas por entre as fotografias chocantes de violência estavam também “imagens de gente muito corajosa, que era contra a violência e que formou filas na rua para doar sangue, que partilhou comida no mercado, que levava gratuitamente nos táxis os revoltosos”.

As memórias desse período acompanharam-na sempre, mas a ideia de escrever sobre o massacre é recente. Apesar de ter sido escrito durante a chegada ao poder de Park Geun-hye, filha do ditador Park Chung-hee, em 2013, recusa que tenha decidido partir para o livro por causa disso. “Tive duas motivações. Por um lado, queria fazer algo por Gwangju. Por outro, sentia que tinha de escrever, que tinha de responder a questões fundamentais que eu tinha.” O empurrão decisivo surgiu em 2009, quando seis pessoas morreram num protesto em Seul. Mais uma vez, houve acusações de excesso de força por parte da polícia. Esse ato de violência recordou-a do passado.

Park Geun-hye foi destituída a 10 de março de 2017 e está presa neste momento. Antes de isso acontecer, Kang participou nos grandes protestos de velas contra a sua governação. “É uma combinação estranha porque a vela é um objeto que remete à calma e à paz. Foi muito bonito ver tanta gente a segurar velas com o objetivo de mudar a sociedade.”

Atos Humanos relata o comportamento dos revoltosos, a censura sobre os livros e as peças de teatro, as vivências dos presos políticos e as agressões que todos — os revoltosos, os funcionários da editora, os detidos — sofreram por parte das autoridades. É ficção, mas o realismo nas descrições deve-se a muitas horas a ler sobre os anos da ditadora. “A minha intenção inicial era ler todos os documentos a que conseguisse ter acesso”, escreve a autora no último capítulo, onde surge também ela como narradora. Interrompeu os outros afazeres, até evitou estar com amigos. Após dois meses imersa em documentos difíceis, onde se incluíam relatos de vítimas, Han Kang sentiu-se incapaz de continuar. Começou a ter pesadelos.

Na apresentação que fez na Feira do Livro, confidenciou que, quando entregou o manuscrito ao editor, pediu-lhe que o publicasse o mais rapidamente possível, para se ver livre da nuvem negra. No entanto, ainda tem pesadelos. Sobretudo quando tem de regressar a *Atos Humanos* e a entrevistas como esta. Na noite em que aterrou no Porto, sonhou com o massacre de Gwangju. “Depois de escrever este livro gostava de me focar num lado mais leve da Humanidade”, admite. Precisa de mais essa mudança, após a transformação forte que este livro lhe causou. “Não quero desistir de nada, quero ser positiva. Não tem sido fácil.” O companheiro de cela de Kim jin-su pergunta no livro: “Serão os seres humanos fundamentalmente cruéis?” Devolvemos a pergunta à autora.

Quando começou a escrever esta história, pensou que o livro podia funcionar como uma forma de preservar a verdade do que aconteceu. Mas sempre enquanto ficção. No fim, decidiu tornar-se numa personagem, narrando o último capítulo. “Para me usar a mim própria como uma ponte entre a realidade e esta ficção. Assim eu, que estou a viver no presente, torno-me parte desta ficção”, explica.



“O processo de escrever este livro transformou-me”, começa por dizer. “Cada livro que escrevo transforma-me, de certa maneira. Mas este livro transformou-me muito. Como se estas pessoas me estivessem a empurrar para algum lado. Começa com uma cena com cadáveres, que são a prova da violência humana, da crueldade. Daí, vai até Dong-ho, que é o centro da história. Vamos apanhando os fragmentos dele. Com sorte, chegaremos ao seu coração.”

Depois da negritude de “Atos Humanos” a autora sente necessidade de falar de temas mais positivos. Nada fácil, dado o momento de tensão nuclear que se vive na Península coreana. © Rui Oliveira / Global Imagens

Depois de o publicar na Coreia do Sul, há três anos, choveram elogios. E convites dos amigos para almoçar. “Para me agradecerem e para partilharem as memórias do massacre também.” O livro tem sido reeditado repetidamente e as pessoas ainda falam dele. “É como um milagre. Para a geração que já nasceu depois de 1980, este livro tornou-se uma espécie de porta de entrada para este período histórico.”

Neste momento, está a escrever um conto de ficção. “Os meus livros são sempre sobre as minhas questões. A questão em que estou a trabalhar agora é: o que é que nos faz humanos? Qual é limite da natureza humana? Quanto é que devemos amar para nos mantermos humanos?” São estas as questões atuais da vencedora do Man Booker Internacional Prize, surgidas após *Atos Humanos*. “O amor não era o meu tema antes de *Atos Humanos*. Uma vez escrevi uma história de amor, mas este livro será mais sobre de quanto amor precisamos para nos mantermos o mais humanos possível.”

Amor e positividade. Não vai ser fácil, dado o momento que se vive hoje na Península da Coreia, com as TVs de todo o mundo concentradas na ameaça nuclear da Coreia do Norte. Na Feira do Livro do Porto, Kang disse que a violência no mundo é omnipresente. “Estou preocupada com as consequências mais imediatas do nuclear. Porque a seguir ao teste houve um terremoto. A radioatividade libertada preocupa-me, como Fukushima”, admite ao Observador. De resto, a vida continua na Coreia do Sul. “A tensão está lá, está a aumentar, mas temos de continuar.”

10.10.2016 às 19h14 / Visão SETE

SÍLVIA SOUTO CUNHA

‘A Vegetariana’, de Han Kang: As árvores nem sempre morrem de pé

Festim literário, chamemos provocatoriamente a este romance sul-coreano, que reflete sobre a liberdade de escolha face ao corpo

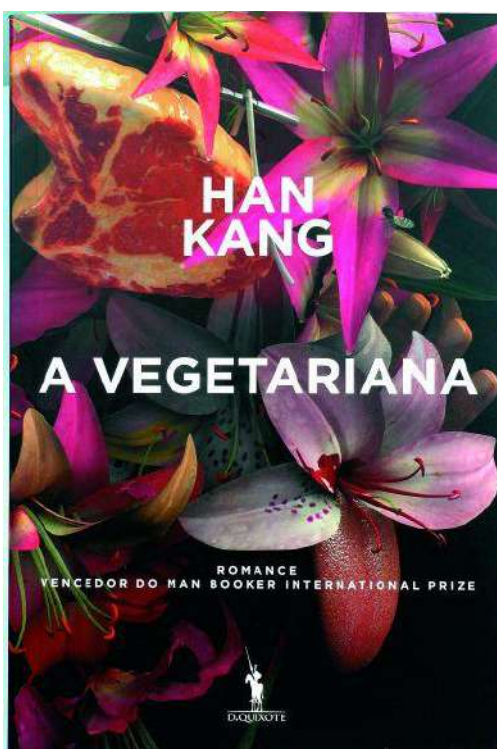


A *Vegetariana*, da escritora sul-coreana Han Kang foi o livro vencedor da edição deste ano do Man Booker International Prize

Um dia, Yeong-hye deixa de comer carne. O marido encontra-a acorçada, a esvaziar caixas de carne de vaca para o *shabu-shabu* e enguia fatiada, arrancadas às profundezas do frigorífico, e a enfiá-las no lixo. Uma desconhecida, a mesma mulher em quem Cheong sempre pensou como “alguém que não tinha rigorosamente nada de especial”: altura mediana, cabelo nem curto nem comprido, ar tímido e frágil, vulgares sapatos pretos. Nem atraente nem repulsiva, ponderou, “não havia motivo para que não nos casássemos.” Esta normalidade medíocre, tépida, de rebanho empurrado para o matadouro dos sonhos (reflexo da pretensa submissão social asiática, lerão alguns), será abalada pelo abandono da carne ingerida – e, depois, chegará o abandono da carne do seu próprio corpo. Mas estamos longíssimo de libelos simplistas em prol dos direitos dos animais, de narrativas

sociológicas ou sobre pseudo modas alimentares. Han Kang escreveu uma fábula negra, perturbadora – começa sossegadamente, engrena numa espiral avassaladora.

A decisão de Yeong-hye de se tornar vegetariana, e que desmorona a ordem familiar, é contada através de três olhares: o marido egoísta; o cunhado, artista falhado que desenvolve uma obsessão pelo seu corpo em mutação; a irmã, In-hye, que, por abnegação perdeu a sua vida, e tenta resgatá-la à desistência da comida. É que Yeong-hye aspirará a ser árvore, a alimentar-se de sol – estranha parábola ecológica e lírica. “Sentimos” o seu corpo a murchar como que através de uma lente magnificadora: pele, músculos, flores que o cobrem a certa altura, tudo é hiper-realista. E tudo porque Yeong-hye “teve um sonho”, frase que ressoa outra voz ligada aos direitos civis dos negros americanos. É com surpresa que descobrimos que este romance se transfigura numa história sobre o direito ao corpo, sobre a violência que os outros sobre este exercem (o pai, herói do Vietname, forçá-la-á a comer...), sobre a dignidade da morte.



***A Vegetariana* (D. Quixote, 192 págs., €14,90) venceu, este ano, o Man Booker International Prize, em cuja lista de seis finalistas estavam obras de Elena Ferrante, Orhan Pamuk e José Eduardo Agualusa**

Conheça Han Kang, premiada autora sul-coreana que exala sensibilidade

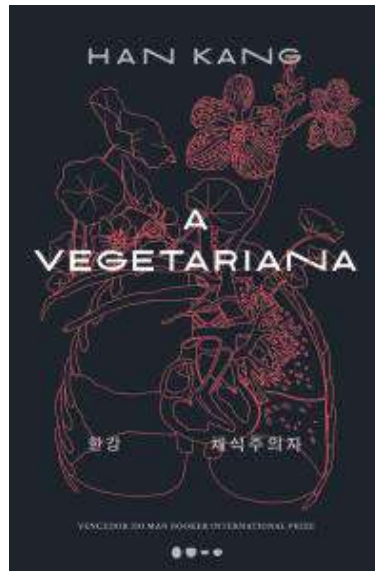
Vencedora do Man Booker Prize conta como os vegetais a fizeram repensar a humanidade — e o papel de suas enxaquecas no processo de se tornar escritora

Por Luísa Costa Atualizado em 17 abr 2019, 10h48 - Publicado em 27 nov 2018, 08h00 – Revista VEJA



O livro *A Vegetariana* (Tradução: Jae Hyung Woo; Todavia; 176 páginas; 49,90 reais), vencedor do Man Booker International Prize que chegou às livrarias brasileiras em outubro, nos introduz a uma história insólita: uma mulher que, na recusa da violência contra animais — e em reação aos humanos ao seu redor —, só ingere vegetais até agir como se fosse se tornar, de fato, um. Sua autora, a sul-coreana de 47 anos Han Kang, fala de sua própria personagem como se ainda estivesse intrigada.

É com essa tímida curiosidade que concedeu entrevista por telefone a VEJA. Sua fala é quase quieta: baixa, suave, reticente e entrecortada, como a de uma garota que sempre olhou para o mundo por sobre as bordas de um livro. Em busca de respostas fundamentais da alma humana, Han nos conta de seu recente lançamento por aqui (e adianta os que estão por vir), além de compartilhar suas visões sobre dignidade, fé e explicar como as enxaquecas, que a acometem desde a infância, apuraram sua sensibilidade.



No livro *A Vegetariana* você apresenta a protagonista Yeonghye, uma jovem mulher que tem que lidar com uma grande carga de violência velada ao seu redor. Como escolheu esse tema? Eu escrevi um conto chamado *The Fruit of My Wife* (“O Fruto de Minha Mulher”, em tradução livre), sobre uma mulher que literalmente se transforma em uma planta. Então, seu marido começa a cuidar dela, a coloca em um vaso. Ela se transforma em uma árvore. Senti que algo estava inacabado na história e resolvi retomá-la depois de muitos anos. Imaginei essa história em que a mulher primeiro se recusa a comer, depois começa a recusar qualquer forma de violência, e por fim quer se tornar uma planta. E ela acredita realmente nisso e não ingere nada além de água. De alguma forma, é a maneira que ela encontra de se salvar. Ela não quer cometer nenhum tipo de violência.

Para você, tornar-se uma planta como alternativa à violência diz algo sobre o que é ser humano? Temos que continuar vivendo sem nos tornar uma planta, é claro (risos). Nosso mundo é cheio de violência e piedade, e a violência está em toda a história. Yeonghye não é fraca, ela é tão determinada... Queria que o leitor pudesse sentir a sinceridade de seus gestos. Queria ponderar a posição dela nesse mundo.

O que é ser humano, para você? É uma pergunta difícil. Seres humanos são seres muito complicados. Eles podem fazer coisas tão horríveis, como Auschwitz, e você vê isso todos os dias nos jornais. Mas algumas vezes pessoas arriscam suas próprias vidas para salvar a vida de outros. Eu penso que o espectro humano é tão amplo e existem tantas pessoas cheias de dignidade. Acho que Yeonghye sofre por questionar esse espectro da humanidade, e eu também sofro por isso. Recentemente, eu quis focar na dignidade humana, vindo pelo lado mais sombrio. Eu acredito que humanos são mais que isso. Eu acredito na vida. Esta é minha opinião pessoal.

Quando era adolescente, tinha muitas questões e procurava respostas nos livros, algumas vezes não encontrava. Eu gostava de entender o que os escritores estavam se debatendo para tentar descobrir. São tantas perguntas procurando respostas.

Como você se aproximou da literatura? Minha primeira identidade é como leitora, porque meu pai é um escritor. Nos mudamos muito, mas eu sempre estava cercada de livros. Mesmo se você não consegue escrever muito bem, você consegue ler. Quando eu era criança, era uma verdadeira alegria ler. Quando era adolescente, tinha muitas questões e procurava

respostas nos livros, algumas vezes não encontrava. Eu gostava de entender o que o escritores estavam se debatendo para tentar descobrir. São tantas perguntas procurando respostas. Além disso, uma pessoa pode carregar muitos livros. É como carregar pessoas consigo, é como estar junto dos autores. Minha experiência me levou a fluir pelo mundo junto com os livros.

Algum autor a marcou em especial? É difícil pensar em um escritor específico, eu amo os livros em si... difícil escolher um nome. Quando estava na universidade, gostava muito de autores latino-americanos, como Jorge Luis Borges e Octavio Paz. Mas, no geral, não consigo escolher um.

Em entrevista ao jornal britânico The Guardian, você disse que sofre com enxaquecas desde criança e que não teria se tornado escritora se fosse 100% saudável. Em que momento você se deu conta disso? Não teve um momento especificamente... Não é que eu tenha me tornado escritora por causa das enxaquecas, mas acho que por causa dela aprendi a ter certa humildade ante a vida. É um fato da minha história de que não posso me esquivar, ou fazer ir embora. Talvez isso tenha me ajudado a ser mais sensível em relação aos outros: porque experimento dor física de tempos em tempos... Não quero exagerar isso também, pois não me mata.

Como é a sua relação com o seu país, a Coreia do Sul? Eu amo minha língua materna. Eu nasci em Hangul e me mudei para Seul quando tinha 9 anos. Como uma escritora, acho importante viver com o fluxo de sua língua-mãe. Para mim, é importante viver no meu país. Nasci aqui, fui educada aqui. Quando comecei a escrever, escrevia poesias... Meu país é minha língua, é meu centro mais importante. A Coreia do Sul mudou muito, e morar aqui significa ter tanto a ponderar, tanto a questionar. É muito complicado, mas é o papel dos escritores, então acho que é bom.

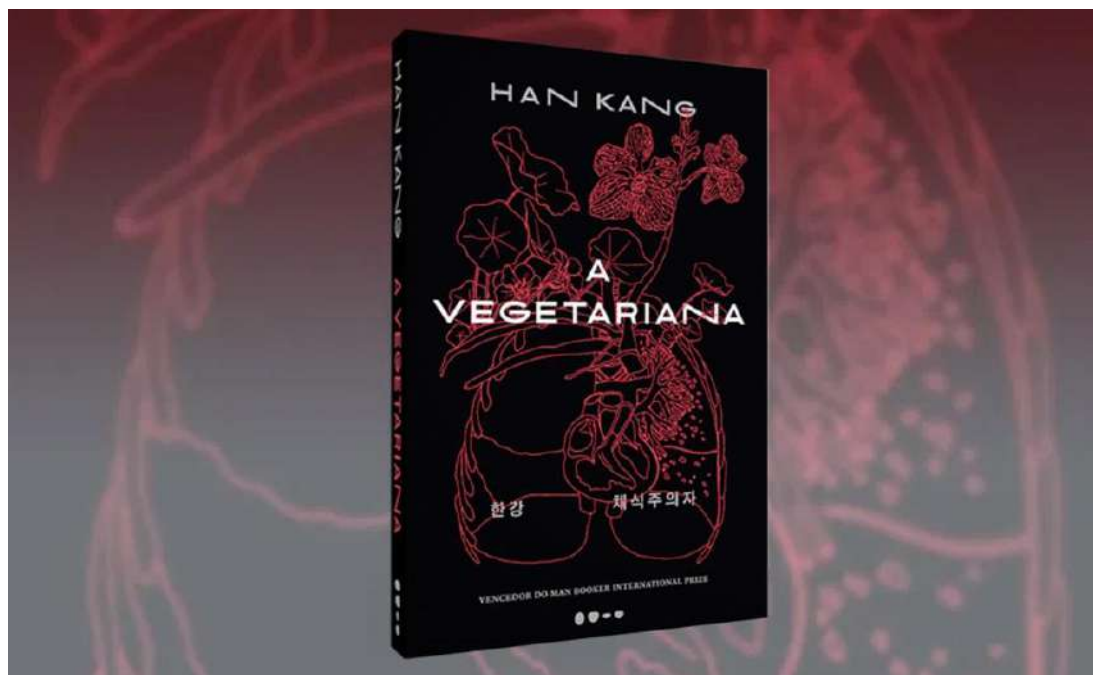
Acho que por causa delas [as enxaquecas] aprendi a ter certa humildade ante a vida. É um fato da minha história de que não posso me esquivar, ou fazer ir embora (...) talvez isso tenha me ajudado a ser mais sensível em relação aos outros: porque experimento dor física de tempos em tempos

Qual de seus livros você mais gostou de ter escrito? Escrevo muitos contos, mas gosto de escrever romances porque é meu jeito de me fazer questões e superá-las, seguir em frente. Sinto que eles me levam para frente, me fazem progredir. Acho que escritores sempre se sentem muito próximos aos seus livros mais recentes, então me sinto conectada a The White Book. Enquanto escrevia o livro, eu pensava em coisas muito sólidas, que não poderiam ser feridas ou destruídas, acho que estava olhando para essa parte em mim mesma. Ele me deu muita força.

Ele tem previsão para ser publicado por aqui? Ainda não, mas meu livro Human Acts será lançado no ano que vem. É um livro em que eu quero tocar profundamente no assunto da dignidade humana, de que gosto muito.

Dignidade humana é uma questão cada vez mais pungente no Brasil, com escaladas de violência contra minorias durante o recente processo eleitoral. O que você diria às pessoas que receiam ter sua dignidade humana violada? Algumas vezes, temos fé ainda que não tenhamos motivos para isso. É o que somos, nascemos para ter fé. O que eu quero dizer é que temos consciência, nascemos com dignidade. Algumas situações nos fazem esquecer disso. Quero acreditar que o ser humano é digno e que a fé pode nos ajudar a seguir em frente...

Livro da Semana: 'A Vegetariana', de Han Kang, mostra o drama das mulheres coreanas em uma sociedade patriarcal



'A Vegetariana', de Han Kang / Crédito: Divulgação

Em 2007, Han Kang lançou 'A Vegetariana', um livro que, apesar de bem recebido pela crítica, não chamou tanto a atenção do público. O motivo? A história era considerada 'bizarra' e 'obscura'. Esse cenário, no entanto, mudou em 2016, quando Han Kang se tornou a primeira sul-coreana a vencer o Man Booker Prize, uma das mais prestigiadas premiações literárias, e 'A Vegetariana' se tornou orgulho nacional.

Com uma grande procura e a história traduzida para diversos países, o livro passou pela primeira polêmica. O problema é que, ao lerem a versão traduzida para o inglês, os críticos sul-coreanos perceberam que a tradutora Deborah Smith havia interferido significativamente no conteúdo, como se tivesse reescrito. Aqui no Brasil, a obra chegou pela editora Todavia, em 2018, e foi traduzida para o português pelo sul-coreano Jae Hyung Wo, o que fez com que se tornasse fiel à original. Por isso, uma dica: não leia em inglês!

'A Vegetariana' conta a história de Yeonghye por três pontos de vista diferentes: do marido, da irmã e do cunhado. A protagonista passa a ter pesadelos e decide parar de comer carne, o que desperta revolta na família. A partir dessa decisão, a trama se desenvolve. Em um primeiro momento,

acompanhamos sua relação com o marido, um cara frio que só se importa consigo mesmo.

Incomodado com a autonomia da mulher, que sempre pareceu uma mulher frágil, ele busca intervenção da família. Fica evidente que o marido enxergava Yeonghye apenas como uma serva.

É importante dizer que o vegetarianismo é apenas o ‘turning point’ da personagem, que de repente decide se impor. A intervenção familiar acontece de forma emocional a partir da mãe, que oferece à jovem todos os seus pratos preferidos (e cheios de carne). Em seguida, o pai age de maneira violenta, fazendo com que Yeonghye coma à força. É assim que descobrimos então que atitudes abusivas acontecem na vida da protagonista desde a infância.

O cunhado mostra uma versão sexualizada de Yeonghye. Fica claro que ele explora e violenta as mulheres que o cercam, incluindo a cunhada, que já repleta de traumas, é mais uma vítima. Por fim, temos a narrativa da irmã mais velha de Yeonghye e é exatamente aí que tudo faz sentido. Através de lembranças da personagem, uma empresária de sucesso, temos contato com a infância traumática de Yeonghye. É ela que faz as melhores reflexões sobre família, relacionamento e como levamos a vida.

Em um dos trechos mais marcantes do livro, a irmã se recorda de como agiu para sobreviver ao abuso familiar e a sociedade como um todo, refletindo como muitas mulheres não fazem nada além de suportar. “A sensação de que ela nunca havia realmente vivido neste mundo a pegou de surpresa. Era um fato. Ela nunca tinha vivido. Mesmo quando criança, desde que conseguia se lembrar, ela não fez nada além de suportar” (A Vegetariana).

Pela história cheia de mistério, cenas fortes e segredos bizarros, Han Kang retrata o trauma de mulheres violentadas por uma sociedade profundamente patriarcal e como esse sistema as adocece. Segundo a autora, a personagem foi inspirada em uma frase do poeta modernista Yi Sang, cujo trabalho foi marcado pela violência e censura do imperialismo japonês. Yi Sang descreveu a reclusão catatônica como um sintoma da opressão: “Eu acredito que os humanos deveriam ser plantas”.